

## Diário de Classe

---

### BIBLIOTECAS ESCOLARES – RELATO DE UMA PRÁTICA

Martha Livia Volpe Orlov\*

"A ética greco-romana e a judaico-cristã são imbuídas pelo dogma de que trabalhar é algo necessário, sério e difícil; por outro lado, brincar é inútil, fútil e fácil. Brincar é considerado um divertimento e aprender é visto como trabalho. Acompanhando esta "verdade" aparece a noção de que o lugar das crianças brincarem é em casa e a escola é local de trabalho. Brincar como idéia relacionada à aprendizagem é algo malvisto (...) Os professores são levados a abandonar o respeito de seus instintos pelo lado alegre da aprendizagem. Assim, a brincadeira, que deveria ser encarada como um potente recurso para a aprendizagem genuína, é negligenciada." (SAMPLES, Bob. MENTE ABERTA, MENTE INTEGRAL, uma visão holonômica. SP. Ed. Gaia, p. 20).

Nunca concordei com o aspecto rígido, às vezes muito sério das escolas, pois acredito que o prazer deve estar intimamente associado com a aprendizagem; sobretudo a leitura tem de estar associada ao prazer. Desta forma o espaço Biblioteca Escolar, se bem utilizado torna-se precioso núcleo de apoio a todo o processo educacional.

Professora de português, após dezessete anos de magistério afastada da sala de aula por problemas nas cordas vocais, vi-me na contingência de dar utilidade ao que sabia. Naquele tempo, em 1981, existiam as Salas de Leitura na rede municipal, mas nas escolas estaduais apenas algumas bibliotecas escolares, mal instaladas e sem pessoal preparado para seu funcionamento.

A E.E.P.G. "Prof. Reynaldo Porchat", Alto da Lapa, São Paulo, 12a. DE, DRECAP 3, contava com uma excelente biblioteca, com cerca de 1.500 volumes em obras de referência (dicionários, enciclopédias, gramáticas etc.), ficção adulta e infantil.

Reivindiquei o trabalho na referida biblioteca que se encontrava praticamente sem uso e tornei-me uma espécie de orientadora de leituras extra-

---

\* Professora do ensino superior em São Paulo.

classes da escola. Tendo feito um pequeno treinamento na CENP\*, verifiquei que até o serviço de tombamento do acervo precisava ser refeito. Mãos à obra, tomei os volumes, e, imediatamente, estabeleci um sistema de empréstimos, consulta e leitura no local e na sala de aula.

Procurei tornar esta biblioteca escolar um local prazeroso, atraente: "posters" pelas paredes, revistas em cestos pelo chão, livros coloridos com capas à mostra. A sua estrutura de funcionamento era a mínima necessária. Se eu esperasse que ela chegasse aos níveis de catalogação dos volumes, fichamentos etc., não teria chegado a funcionar até hoje. Procedi como professora, não como bibliotecária.

O atendimento à biblioteca ficou estruturado da seguinte maneira: dividi o tempo de serviço entre os dois turnos de funcionamento da escola e afixei o horário na porta de entrada em um cartaz bem grande, que pudessem ser visto por professores, pais e alunos. Percorri as classes anunciando o funcionamento da biblioteca e convidei os professores para uma visita.

Posteriormente os alunos foram trazidos por alguns professores interessados e paulatinamente a biblioteca começou a fazer parte da rotina da escola.

O sistema de atendimento oferecido, facultado a todos os alunos, professores, funcionários e membros da comunidade se desenvolveu em alguns níveis: pesquisas escolares e leitura no próprio local, no horário de atendimento e empréstimos de volumes através da biblioteca circulante. Posteriormente estabelecemos também atividades de sala de leitura, com horário destinado ao ciclo básico (primeiras e segundas séries). Procurávamos interessar o aluno de todas as formas. Assim, participávamos das festas escolares ensaiando jograis, pequenas encenações; premiávamos os leitores mais assíduos com diplominhas e livrinhos conseguidos em editoras.

Adotei uma ficha para cada aluno que desejasse associar-se à biblioteca circulante: era preenchida pelo aluno e assinada pelos pais ou responsáveis, desde que concordassem com as normas estabelecidas para o empréstimo dos volumes. Esta ficha me permitia observar o educando, não só do ponto de vista de suas leituras, mas também em relação à sua conduta relativa aos objetivos educacionais da escola. Continha ela os dados pessoais do aluno, endereço, telefone e uma parte destinada à anotação da obra emprestada, data de empréstimo, data de devolução.

\* CENP (Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo)

Três dos livros supriam as necessidades da biblioteca: um livro de Tombo dos volumes, um livro de Empréstimos e um para Pesquisas Escolares e Frequência (leitura no local). Adotei dois fichários: um para guardar as fichas dos alunos associados em ordem alfabética, outro na ordem dos dias do mês, para onde ia a ficha já anotada com o empréstimo efetuado, colocada na data prevista para a entrega, sendo dado o prazo de quinze dias.

Ao longo do tempo eu tinha uma visão perfeita do tipo de leitura que o aluno fazia, suas preferências, podendo observar também sua responsabilidade na entrega, conservação dos volumes, organização, limpeza etc. A anotação era rápida porque feita através do número de tomo e número de seqüência do livro de empréstimos.

Aos poucos, serviços auxiliares de documentação foram anexados, como pasta de recortes, alguns jornais, revistas, algumas fitas cassete etc. Ao se verificar algum ponto falho no acervo da biblioteca, no tocante à pesquisa, procurávamos solucioná-lo com recortes, visto que não havia verba alguma para compra de acervo. Conseguíamos algum dinheiro resultante de pequenas multas por atraso na entrega de volumes da biblioteca circulante, o qual era utilizado na compra de novos volumes, do agrado da clientela, ou recomendados pelos professores; livros sobre animais, carros, motos, esportes ou de educação sexual como por ex.: O que está acontecendo comigo? ou De onde vem os bebês?

Dividi os espaços das estantes, separando obras de referência, ficção adulta e livros infantis. Estes foram colocados bem ao alcance das crianças, esparramados, capas à mostra, procurando chamar a atenção dos leitores iniciantes. Algumas indicações eram colocadas nas estantes, simples rótulos escritos em fita crepe, com indicações gerais como: Geografia, História, Botânica, Sociologia, Artes Plásticas, Teatro, Esportes etc. Na estante de Literatura Geral, separei os autores nacionais dos internacionais e sua colocação era por ordem alfabética, chamando entretanto a atenção para os autores mais representativos, com rótulos como: Alencar, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira etc.

Foi instituído o princípio de liberdade total para o manuseio dos volumes. Os alunos foram mesmo estimulados a resolverem sozinhos seus problemas e pesquisas escolares, ficando sob minha responsabilidade somente a indicação, orientação de leitura extra-classe.

A biblioteca, em muito pouco tempo, tornou-se um espaço de lazer dentro da escola, e muito solicitada, a ponto de haver fila para entrada, durante o recreio. Creio que a estatística abaixo pode falar mais alto:

ANO	EMPRÉSTIMOS	PESQUISAS	TOTAL
1981	183	187	370
1982	375	1.053	1.428
1983	2.327	1.396	3.723
1984	1.356	1.052	2.408
1985	1.808	744	2.552
1986	1.779	1.936	3.715
1987	1.982	2.572	4.554
1988	1.989	2.678	4.667

Os anos de 1984/85 foram prejudicados por prolongadas greves de professores. O ano de 1989 não consta da estatística por terem-se perdido os dados, após minha saída da escola.

Orgulho-se de ter criado um espaço cultural feliz, descontraído, ter colaborado intensamente dentro do processo educativo e sobretudo por ter formado leitores, enquanto tantas escolas infelizmente ainda vacinam as crianças contra a leitura.

## Diário de Classe

### FIXANDO ALGUMAS CONVENÇÕES ORTOGRÁFICAS POR MEIO DA PRODUÇÃO DE TEXTO\*

Célia Regina Cavicchia Vasconcelos\*

O momento mais importante da vida escolar, o ensino da leitura e da escrita, exige do alfabetizador conhecimentos básicos sobre o sistema fônico da língua, sobre a linguagem e sobre as convenções ortográficas do registro escrito. As relações entre os sons da fala e o seu registro gráfico na escrita são complicadas, e não percebê-las é estar contribuindo para um ensino-aprendizagem mal sucedido, ou falho.

O alfabetizador tem seus primeiros contatos com esses conhecimentos durante o período em que ainda é aluno do curso de magistério. Cabe ao professor de Língua Portuguesa desse futuro alfabetizador, portanto, oferecer-lhe a oportunidade de conhecer as complicadas relações entre os sons e sinais gráficos.

Para uma geração de alunos em que o desempenho da língua oral é bem mais marcante que o da escrita, o ensino das relações entre sons e letras dificilmente obtém os resultados desejados. Para levar o futuro alfabetizador a perceber essas distinções, um meio eficaz seria fazer a fixação dessas complicadas relações, operando a partir da própria escrita. Atividades de redação e de leitura poderiam ser utilizadas como forma eficiente na fixação das distinções entre sons e sinais gráficos.

Experiência realizada por mim com alunos do curso de Habilitação para o Magistério da E.E.P.S.G. "Prof. Akio Satoru", da cidade de Urânia, S.P., veio comprovar uma melhor percepção da relação som-letra, atestando

\* Este relato foi apresentado no dia 12 de agosto de 1991, durante a realização do projeto de atualização em língua portuguesa para professores de 2o. grau - Módulo IV, realizado em Águas de São Pedro, pela USP, Fundação Vitae e CENP. Trata-se de experiência realizada pela profa. Célia Regina Cavicchia Vasconcelos, em 1991, com alunos do curso de magistério, de 3º e 4º anos, na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau "Prof. Akio Satoru" - Urânia / SP, Delegacia de Ensino de Jales.

também que os alunos passaram a se auto-avaliar e reformular suas possíveis falhas ortográficas ou, até, preveni-las.

A seguir apresentamos algumas propostas de atividades que têm como principal objetivo a fixação de algumas dessas relações. Segue, junto à proposta, um dos textos produzidos pelos alunos do curso de Magistério.

**Proposta 1:** Nos versos abaixo, extraídos do poema "O Girassol" de Vinícius de Moraes, notamos a ocorrência da letra "r" em três posições diferentes nas palavras.

Usando do mesmo processo aliterativo, faça uma redação, em prosa ou verso, explorando a letra "r" e suas possíveis posições no contexto da palavra. O assunto de sua redação será de sua escolha.

"Roda, roda, carrossel  
Roda, roda, rodador  
Vai rodando, dando mel  
Vai rodando, dando flor."

**Redação 1:** *Rui Vendedor*

Rui vendedor,  
Vendia arroz  
melro, terra, carroça,  
beterraba, jarra, barraca.

Vendia rádio,  
relógio, repolho, roda,  
remédio, remo, rosa.

Vendia porco,  
retrovisor, amor, flor,  
despertador, porta, barco.

Vendia anti-rugas  
para enrugados.

Vendia baralho, rosário,  
arame, palmeira, banheira,  
verdura, amora.

Os cravos, os brincos, os braceletes  
Rui não vendia.  
Eles enfeitavam Rosa,  
a namorada do Rui.

(Alunas: Maria Aparecida Furttilho e Sandra Pacheco  
- 3ª. magistério)

**Proposta 2:** Escolha um dos fragmentos de texto abaixo e redija uma narração na qual o fragmento escolhido se encaixe. Ela deverá ser elaborada de acordo com a significação representada por esse fragmento. Além disso, você deverá explorar, em todo o texto, o uso de palavras com as mais variadas ocorrências gráficas do som predominante no fragmento.

Fragmento 1 – "A moça, sem experiência, saiu sozinha a passeio pelo espaço sideral."

Fragmento 2 – "A moça, sem experiência, saiu sozinha a passeio pelo espaço sideral?"

Fragmento 3 – "A moça, sem experiência, saiu sozinha a passeio pelo espaço sideral!"

Fragmento 4 – "A moça, sem experiência, saiu sozinha a passeio pelo espaço sideral..."

**Redação 2:** *Moça sem destino*

A moça, ao sair a passeio pela calçada, viu seqüestros, assassina-  
tos e muito sangue escorrendo e descendo pelo asfalto. Assusta-  
da, a moça entrou em sua casa, ficou na sala sentada no sofá,  
pensando no que estava acontecendo. E, angustiada, ficou pen-  
sando na violência das cidades e que não poderia mais sair para  
os seus passeios.

Então, a moça, sem experiência, saiu sozinha a passeio pelo espa-  
ço sideral. Pensava, assim, em ficar livre das violências terrestres.  
Pensava também em só expandir a paz pelo espaço.

Já no espaço, a moça sentiu a sensação de satisfação ao ver os astros, mas, de repente, sentiu sangue em seu pescoço. Ao olhar de relance, viu sondas automáticas, mísseis, aviões seqüestrados. Percebeu que o espaço também era alvo de violência. Então começou a pensar se existia um lugar sem assaltos, sem sangue, sem destruições, sem destruidores e exploradores...

Não ... Não ... Não havia exceção.

(Alunas: Silene Maria Agostinho – 3ª. Mag., e Rosilene Tomiu Franco – 4ª. Mag.)

**Proposta 3:** Elabore uma narrativa com o assunto de uma das sugestões abaixo:

1 - Criança na rua...

2 - Desemprego...

O seu texto deverá ser construído em três parágrafos. No primeiro, você deverá fazer o possível para utilizar, na maioria das palavras, a letra "z"; no segundo, você deverá utilizar a letra "s" e, no terceiro, você deverá fazer uso da letra "x". Todos estes sinais gráficos devem ser empregados com valor de /z/.

### Redação 3: Desemprego

Zico sentia-se desprezado todas as vezes que ia procurar emprego. Seus amigos zombavam ao ver a cara de tristeza que ele fazia, mas ele nunca ficava zangado. Às vezes ficava com vontade de dar zapes em algumas falsas amizades. Resolveu desprezar os zunzuns que essas amizades faziam e resolveu pedir serviço a um fazendeiro.

Foi primeiro falar com o caseiro. Esperou-o perto da casa, embaixo das árvores. O caseiro atendeu-o logo e resolveu falar com o patrão. Serviço só tinha no roseiral que ficava nas aguadas bem longe da casa. Zico resolveu aceitar.

Zico trabalhava em exagero, exaltava o patrão, fazia tudo de forma exemplar... Tudo, tudo para ter êxito. Mas Zico era exaltado

e, quando um amigo o exacerbou, exasperou-se também e... novamente de seu emprego foi exonerado.

(Alunas: Roseli Moura da Silva Porto - 4ª. Mag., e Sônia Destro Pereira – 4ª. Mag)

A prática da redação, como forma de fixação das diferenças entre os sons e as letras, tem-me parecido uma forma que garante maior eficácia no ensino-aprendizagem, na medida em que o aluno aprende a construir o próprio conhecimento, desenvolvendo a capacidade de raciocinar sobre a língua que usa – principal instrumento do alfabetizador.